

O Interacionismo Simbólico como Abordagem Epistemológica para Estudar o Capital de Giro

Graciela Dias Coelho Jones – graciela@facic.ufu.br

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Maria Luisa Mendes Teixeira – malluluisa@gmail.com

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Wilson Toshio Nakamura - wtnakamura@uol.com.br

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Área temática: Estudos Organizacionais

Resumo

O capital de giro é importante para viabilizar financeiramente os negócios e contribuir para formação do retorno econômico do investimento. O objetivo do presente ensaio teórico é refletir sobre o potencial do Interacionismo Simbólico como abordagem epistemológica para compreender o processo decisório do gestor quanto à gestão do capital de giro. O processo de tomada de decisão reflete a essência do conceito de administração, e a continuidade de qualquer negócio depende da qualidade das decisões tomadas por seus gestores. O gestor ou dono do negócio se orienta para tomar as suas decisões sobre a gestão do capital de giro respaldado nas fontes de informações que a literatura aponta como eficazes para a gestão financeira do negócio, ou em pesquisas empíricas realizadas que apresentaram bons resultados para as empresas que fizeram uso daquelas estratégias de gestão. Para muitos gestores, a tomada de decisão é orientada por meio de benchmarking. Com base no Interacionismo Simbólico, os gestores das empresas e donos dos negócios decidem sobre a gestão do capital de giro, considerando as crenças e valores que os orientam. Tais crenças e valores podem ser entendidos à luz do Interacionismo Simbólico, que pode trazer novas luzes sobre esse assunto uma vez que as crenças dos gestores são construídas socialmente.

Palavras-chave: Capital de Giro; Interacionismo Simbólico; Processo de Tomada de Decisão.

1. Introdução

O capital de giro representa os recursos aplicados no ativo circulante: disponibilidades, contas a receber e estoques. Esses ativos constituem o capital que circula até se transformar em dinheiro num ciclo de operações da empresa; ideia que compreende a transmissão periódica de caixa para estoques, destes para duplicatas a receber e de volta para o caixa (FERREIRA, et al, 2011).

O tema capital de giro tem grande relevância para estudo considerando a sua importância para as empresas. Uma administração inadequada de capital de giro resulta, normalmente, em sérios problemas financeiros contribuindo efetivamente para a formação de uma situação de insolvência (FERREIRA; MACEDO, 2011).

O processo de tomada de decisão reflete a essência do conceito de administração, e a continuidade de qualquer negócio depende da qualidade das decisões tomadas por seus gestores nos vários níveis organizacionais. Tais decisões são tomadas com base em dados e informações viabilizados pelos negócios e por levantamentos do comportamento de mercado e do desempenho da empresa (ASSAF NETO; LIMA, 2011). A gestão e a decisão pelos níveis de investimentos em capital de giro constituem-se tarefa dos gestores das empresas, ou seja, a forma de gestão do capital de giro é uma decisão do dono do negócio, mediante interesses específicos e parâmetros previamente estabelecidos.

A literatura aponta algumas condições pré-estabelecidas para a manutenção de capital de giro, suprimentos das necessidades de capital de giro e determinação do nível de capital de giro para as empresas; algumas dessas abordagens são apresentadas a seguir: Há três motivos para a manutenção de certos níveis de liquidez: transação, precaução e especulação (GITMAN, 2008); O nível de capital de giro pode ser determinado pela sazonalidade dos negócios, fatores cíclicos da economia (recessão, comportamento do mercado, tecnologia aplicada a custos e tempo de produção, e políticas de negócios) (FERREIRA et al, 2011); O volume do capital de giro para empresas são determinados pelo volume de vendas, o qual é lastreado por estoques, valores a receber e caixa (BRIGHAM, 1999); O alongamento da dívida melhora a situação do capital de giro (SANTOS, 2001).

O gestor ou dono do negócio orienta-se para tomar as suas decisões sobre a gestão do capital de giro, respaldado nas fontes de informações que a literatura aponta como eficazes para a gestão financeira do negócio, ou em pesquisas empíricas realizadas que apresentaram bons resultados para as empresas que fizeram uso daquelas estratégias de gestão do capital de giro. Para muitos gestores, a tomada de decisão é orientada por meio de benchmarking, que é um processo contínuo e sistemático para avaliar produtos e processos de trabalho de organizações que são reconhecidas como representantes das melhores práticas, com a finalidade de melhoria organizacional (SPENDOLINI, 1992).

O capital de giro tem sido usualmente estudado, com grande frequência, sob a abordagem epistemológica Positivista, que tem um ethos comum às suas correntes, que é a racionalidade. Com base nisso, a importância do presente ensaio pode ser destacada pelo fato de propor o estudo do capital de giro à luz de uma outra abordagem epistemológica, ou seja, apresentar e discutir uma abordagem alternativa para estudar o tema: o Interacionismo Simbólico.

Na abordagem interacionista, as empresas sofrem influências de fatores institucionais que prescrevem comportamento apropriado dos que dela fazem parte (FORGUES et al, 2012), essa influência pode ser percebida nos mais diversos níveis da organização e nas atividades desenvolvidas pelos seus membros. Essa abordagem possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam objetos e como esse processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas (CARVALHO, 2011). Especificamente,

no estudo do capital de giro, proposto por esse ensaio, o interacionismo simbólico tem contribuição singular para compreender o processo de tomada de decisão do gestor quanto a gestão do capital de giro.

Em pesquisa utilizando o termo interacionismo, nos campos título, resumo e palavra-chave, na base de dados da Spell, em março de 2015, foram identificados um total de 15 artigos publicados, dos quais 03 não eram de abordagem interacionista. Dos 12 artigos válidos pesquisados sobre a abordagem do interacionismo simbólico, nenhum foi estudado na perspectiva proposta pelo presente estudo, ou seja, na temática capital de giro. A pesquisa cumpriu o seu objetivo e constatou que a perspectiva interacionista simbólica não foi abordada para estudar o capital de giro.

O objetivo do presente ensaio teórico é refletir sobre o potencial do Interacionismo Simbólico, como abordagem epistemológica, para compreender o processo decisório do gestor quanto à gestão do capital de giro.

A abordagem interacionista norteadora dessa reflexão é focada na Psicologia social de Mead; uma perspectiva teórico-metodológica que foi desenvolvida no início do século XX, na Universidade de Chicago, denominada Interacionismo Simbólico. As suas análises consideram o jogo expressivo e relacional na interação ocorrida face a face, que envolve palavras, formas de falar, gestos, movimentos, expressões emocionais, entre outros (BLUMER,1969).

Todas as abordagens epistemológicas têm potencial para estudar os mais diversos temas, algumas com menos ou mais limitações que outras, mas sem dúvida, as contribuições são perceptíveis. Ressalta-se que não é intenção do presente ensaio discutir as diversas abordagens epistemológicas e as suas potencialidades para estudos em Ciências Sociais Aplicadas; o seu foco é estudar as potencialidades do Interacionismo Simbólico para estudar o tema capital de giro. A partir de um estudo teórico aprofundado, o presente ensaio pretende à luz do Interacionismo Simbólico, apontar os pros e contras sobre as potencialidades do mesmo para o estudo do capital de giro, no que tange ao processo de tomada de decisão dos gestores quanto à sua gestão.

Especificamente, o estudo de Carvalho (2011) discutiu as potencialidades do interacionismo simbólico para a compreensão de diferentes aspectos da vida organizacional, buscando elucidar alguns temas em estudos organizacionais, que têm sido abordados sob essa perspectiva, bem como tecer algumas considerações acerca dos aspectos metodológicos relacionados à operacionalização de seus pressupostos. O estudo da autora não abordou especificamente o capital de giro, mas tratou de uma forma ampla a discussão das potencialidades do interacionismo simbólico, e foi a inspiração para o desenvolvimento do presente estudo que propõe discutir o Capital de Giro à luz do Interacionismo Simbólico.

O presente ensaio está estruturado em três tópicos. Esse primeiro apresenta uma abordagem introdutória sobre o tema a ser estudado, a relevância e o objetivo do estudo, e insere o leitor no contexto epistemológico em que será discutido o assunto. O tópico seguinte discorre sobre o referencial teórico para embasar teoricamente o estudo, e ainda, apresenta o potencial da abordagem interacionista para estudar o capital de giro no que se refere ao processo decisório e de gestão. Por fim, são apresentadas as considerações finais sobre o estudo desenvolvido, as contribuições que o estudo proporcionou e as sugestões para pesquisas futuras com o ganho que o estudo pode trazer para a teorização sobre capital de giro.

2. Referencial teórico

2.1 O Capital de Giro

O Capital de Giro é um conceito econômico-financeiro e não uma definição legal, constituindo uma fonte de fundos permanente utilizada para financiar a Necessidade de Capital de Giro (NCG) da empresa (FLEURIET, 1980). O entendimento de capital de giro insere-se no contexto das decisões financeiras de curto prazo, envolvendo a administração de ativos e passivos circulantes. Toda a empresa precisa buscar um nível satisfatório de capital de giro de maneira a garantir a sustentação de sua atividade operacional (SILVA, 1997, ASSAF NETO; SILVA, 2002, p. 24).

O capital de giro ou capital circulante é representado pelo ativo circulante, isto é, pelas aplicações correntes, identificadas geralmente pelas disponibilidades, valores a receber e estoques. Em sentido amplo, representa os recursos demandados por uma empresa para financiar suas necessidades operacionais identificadas desde a aquisição de matérias-primas até o recebimento pela venda do produto acabado (ASSAF NETO; SILVA, 2002).

O capital de giro não é a mesma coisa que rentabilidade, porque a rentabilidade da empresa pode aguardar por uma recuperação de lucros, mas o capital de giro não pode esperar. “Ele é prioritário, ou seja, sem lucro a empresa fica estagnada ou encolhe, mas, sem capital de giro, ela desaparece” (FERREIRA et al, 2011, p. 866).

O capital de giro é importante para viabilizar financeiramente os negócios e contribuir para formação do retorno econômico do investimento que foi realizado e para administrar cada um dos ativos circulantes, de tal forma que um nível aceitável de Capital Circulante Líquido seja mantido na empresa (FERREIRA; MACEDO, 2011). O conceito de equilíbrio financeiro é vivenciado pela empresa quando suas obrigações financeiras se encontram lastreadas em ativos com prazos de conversão em caixa similares aos dos passivos (FERREIRA et al, 2011), ou seja, o equilíbrio financeiro exige vinculação entre a liquidez dos ativos e os desembolsos demandados pelos passivos. Quanto ao que seja estrutura de capital, predomina a ideia de que estrutura de capital corresponde apenas às fontes de longo prazo (NAKAMURA et al, 2007), mas pode ser correto considerar dívidas de curto prazo, também, fazendo parte da estrutura de capital (BREALEY; MYERS; ALLEN, 2008).

Quando uma empresa ou organização entra em operação, ou seja, em funcionamento, o administrador financeiro volta toda a sua atenção ao capital de giro, devido a sua importância, porque é por falta de controle nas entradas e saídas de caixa na empresa que a maioria das empresas vem morrer no mercado, tão globalizado e competitivo (FERREIRA et al, 2011, p. 866).

O processo decisório básico para o sucesso de toda empresa vem assumindo complexidade e riscos cada vez maiores no Brasil, e tem exigido uma capacidade mais questionadora e analítica dos gestores (ASSAF NETO; LIMA, 2011). A forma de gestão do capital de giro é uma decisão do dono do negócio, que considera interesses e condições específicas de cada setor de atividade. Com base na literatura, alguns parâmetros de gestão podem ser previamente estabelecidos e funcionam com balisadores do processo de tomada de decisão relacionados ao capital de giro. Por outro lado, existem vários modelos de benchmarking, que podem ser considerados como uma poderosa ferramenta de gestão empresarial, mundialmente difundida e utilizada para transformar as organizações e introduzir as mudanças necessárias à melhoria de seus processos, práticas e resultados (CARLINI JUNIOR; VITAL, 2004).

A seguir são discutidas algumas abordagens estudadas por autores, que representam pontos de suporte e referência para o processo de tomada de decisão sobre gestão do capital de giro

pelos donos de empresas e gestores do negócio, visando ao alcance dos melhores resultados pelas empresas.

Existem três motivos para manutenção de certo nível de liquidez pelas empresas, que podem ser enumerados, a seguir: a) transação, representado pela necessidade da empresa manter dinheiro em caixa visando pagar compromissos normais da sua atividade operacional; b) precaução, representado pela necessidade da empresa manter caixa visando cumprir com os compromissos imprevistos que podem ocorrer nos negócios da empresa; c) especulação, representando recursos mantidos visando ganhos altamente atrativos para a empresa, de forma especulativa (GITMAN, 2008).

O capital de giro pode ser determinado pela sazonalidade dos negócios, que irá estabelecer as variações nas necessidades de recursos ao longo do tempo; fatores cíclicos da economia, como recessão; comportamento do mercado; tecnologia, principalmente aplicada a custos e tempo de produção; e políticas de negócios, centradas em alterações nas condições de venda, de crédito, de produção entre outros (FERREIRA et al, 2011).

O volume do capital de giro para empresas são determinados pelo volume de vendas, o qual é lastreado por estoques, valores a receber e caixa (FERREIRA et al, 2011; BRIGHAM, 1999). Se o volume de vendas de uma empresa for elevado, os gestores tenderão a manter volumes mais elevados de capital de giro. “Se uma empresa puder reduzir seus estoques, suas disponibilidades de caixa ou seus recebíveis, então seu investimento líquido em capital de giro diminuirá.” (BRIGHAM; EHRHARDT, 2006, p. 839). Pode-se afirmar que uma redução no capital de giro, reduzirá o capital operacional total.

Para suprir insuficiências de capital de giro, algumas empresas realizam empréstimos com um custo elevado. Qualquer captação de empréstimos a um custo em torno de 1,17% ao mês (ou 15% ao ano), em termos reais, é compatível com a rentabilidade esperada de uma empresa que gire em torno de 15% ao ano, também em termos reais. Por outro lado, o financiamento de capital de giro a uma taxa real superior a 1,17% ao mês, mesmo resolvendo o problema imediato de caixa, cria uma grande dificuldade que é a liquidação da dívida (SANTOS, 2001).

No momento em que a empresa negocia prazos maiores para saldar as suas dívidas significa que ela conseguiu adiar as saídas de caixa e, com isso, tende a melhorar a situação de capital de giro. Mesmo que essa ajuda seja provisória, ela possibilitará condições para que a empresa espere por um quadro econômico melhor. Por outro lado, o custo do alongamento de prazo da dívida deve ser suportado pela rentabilidade da empresa (SANTOS, 2001).

Lemos e Soares (2012) afirmam que toda a sociedade, abrangendo governantes, clientes, fornecedores, empregados, auditores, consultores, gestores, acadêmicos, pesquisadores e estudantes têm interesse pela situação financeira das organizações, uma vez que a precária situação financeira de qualquer empresa pode conduzi-la à insolvência.

2.2 O Interacionismo

2.2.1 Origem do Interacionismo

A origem do Interacionismo Simbólico é a Escola de Chicago e a sua estrutura inicial foi estabelecida no ano de 1920. Ele prosperou nas décadas posteriores, com reflexões de determinados filósofos norte-americanos sobre a problemática do conhecimento e a respeito do processo de interação entre indivíduo e sociedade. No final da década de 1930, foi consolidado o Interacionismo Simbólico (FINE, 1993).

O Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago tornou-se o primeiro departamento acadêmico de sociologia do processo de institucionalização da sociologia norte-americana, seguido posteriormente por Columbia, Kansas, Michigan e, décadas mais tarde, por Harvard, Princeton, Johns Hopkins, entre outras instituições (FARIS, 1967).

A influência do pragmatismo na sociologia desenvolvida no Departamento de Chicago deve-se aos ensinamentos e trabalhos desenvolvidos por John Dewey e George Herbert Mead, e em períodos posteriores pela atuação de Ellsworth Faris e de Herbert Blumer, que foram estudantes e seguidores de suas idéias. Destaca-se que todos eles tiveram um impacto determinante no desenvolvimento do interacionismo simbólico (SHILS, 1980).

Com o declínio do funcionalismo em meados da década de 1970, o Interacionismo Simbólico passou a ocupar uma posição central nos debates teóricos, acadêmicos e metodológicos e também nas pesquisas no campo da área de Sociologia (FINE, 1993).

2.2.2 Interacionismo Simbólico

Hebert Blumer é um dos pensadores de Chicago e o criador do termo Interacionismo Simbólico. A proposta defendida por Blumer (1969) em termos de uma posição epistemológica para o interacionismo simbólico está no entendimento de que para compreender o mundo é necessário analisá-lo em termos das ações e interações de seus participantes. Blumer (1969, p. 2) apresenta que a natureza do interacionismo simbólico está baseada na análise de três premissas, sendo a primeira delas a de que o ser humano orienta seus atos em função do significado que as coisas têm para ele. Como segunda premissa, ele considera que o significado das coisas emerge como resultado das interações sociais que cada ser humano estabelece com o seu próximo. “A terceira premissa é que os significados se manipulam e se modificam mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao defrontar-se com as coisas que vai encontrando em seu caminho”.

De acordo com a percepção de Mead, os seres humanos são dotados de consciência e por isso são distintos de outras criaturas existentes. Para ele, os símbolos significantes permitem aos atores realizarem o compartilhamento de significados, o que possibilita o estabelecimento de comunicação entre eles. A interação que acontece entre os indivíduos vai envolver um processo de interpretação complexo, pois procura refletir e interpretar as palavras e os gestos de outros indivíduos (MELTZER, 1959).

Com brilhante insight, Mead identificou o caráter básico da interação humana e social, da auto-interação, e da emergente natureza dos atos individuais e sociais (BLUMER, 1980). Mead define o self como a parte reflexiva do homem, pela qual este conhece de si mesmo. (LIRA, 2012). O self precisa ser entendido de forma situada na interação com o mundo social. Não se pode compreender a pessoa e o mundo de forma isolada, porque o self está sendo continuamente desenvolvido por meio da interação com outros seres humanos. O self é o responsável pela comunicação entre homens, porque ele só existe através do reconhecimento do self de outra pessoa, ou seja, a construção de ideias sobre mim só pode existir a partir das ideias que os outros têm ao meu respeito, e isso explica a natureza do self, ser dinâmica, e não fixa (JEON, 2004).

O corpo não é um Eu, como tal, só se converte em pessoa quando há desenvolvimento de uma mente dentro do contexto da experiência social. A mente surge através da comunicação, mediante conversação de gestos em um processo social ou contexto de experiência – e não a comunicação através da mente. O pensamento seria o raciocínio do indivíduo, uma conversação entre o Eu e Mim; sendo possível observar ambos papéis em um processo de interação contínua (MEAD, 1934/1982, p. 91).

O trabalho de Charles Cooley, denominado *Human Nature and Social Control*, enfatizou a importância da mediação do grupo social, com ênfase aos grupos primários, no processo de socialização dos indivíduos e do efeito dessa socialização na dinâmica da interação existente entre indivíduos e sociedade (COOLEY, 1964). A relação recíproca entre indivíduo e sociedade, que constitui um pressuposto central desenvolvido pela análise interacionista, foi amplamente explorada pelos trabalhos dos participantes do Departamento de Sociologia de Chicago.

Ao se distanciarem da concepção que abordava a sociedade como um somatório de indivíduos que se agregavam para enfrentar as limitações do meio físico, os integrantes do Departamento de Chicago enfatizaram que a sociedade é construída por meio do compartilhamento de um grande conjunto de significados culturais e sociais entre os seus participantes. Como pressuposto tem-se que as atividades humanas ocorrem em situações determinadas em tempo e espaço específicos (MARTINS, 2013).

William Thomas concebe que as diversas situações sociais apresentam aspecto objetivo na estruturação do comportamento, com uma dimensão de instabilidade intrínseca, uma vez que o ponto de vista de cada ator constitui um elemento estratégico na construção da definição das situações sociais, conduzindo o indivíduo a avaliar continuamente as circunstâncias nas quais está inserido, e se posicionar num jogo de reavaliação e reajustamento com os demais participantes da situação (THOMAS, 1966).

Defende-se que o Interacionismo Simbólico pode ser tomado como uma alternativa viável para que se possa compreender a realidade de forma aprofundada. Destaca-se que um relevante elemento responsável pelo entendimento do comportamento do ser humano, bem como da compreensão das interações e dos processos existentes, é o significado (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

O Interacionismo Simbólico adota os símbolos, que são as representações que o indivíduo faz das relações sociais. Um dos pressupostos básicos é que os indivíduos agem com base nos significados representativos de suas interações sociais. A reciprocidade é a palavra chave na definição de interação. O comportamento é algo amplo, que diz respeito a tudo que o indivíduo faz. Já ação é mais específica, pois se refere às atitudes que o indivíduo tem diante das situações, onde há intencionalidade, tendo como referência o possível pensamento que as demais pessoas possuem a seu respeito. Assim, há uma tendência de o indivíduo agir a partir da ação realizada pelo outro (SILVA, 2012). O tema central abordado no Interacionismo Simbólico são os processos de interação social, que estão diretamente relacionados à ação social caracterizada por uma orientação imediatamente recíproca. Por outro lado, o exame criterioso desses processos baseia-se conceito específico de interação em que o caráter simbólico da ação social é privilegiado (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

Para alcançar uma compreensão plena do processo social, o investigador precisa entender os significados que são adotados pelos participantes em um contexto particular (JEON, 2004). A palavra, o gestor e também as formas de falar condensam, entre outras coisas, relações sociais permeadas por relações de poder que são forjadas no mundo sociocultural em que se encontram inseridos os sujeitos, os grupos e as organizações (SANT'ANA, 2004).

Na abordagem interacionista, tem-se que as organizações são influenciadas por fatores institucionais que orientam comportamento apropriado dos indivíduos que dela fazem parte (FORGUES et al, 2012), e possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam objetos que compõem o mundo em que estão inseridos e como esse processo de interpretação conduz o comportamento individual em cada situação específica (CARVALHO, 2011). “Os indivíduos encontram-se inseridos em contextos nacionais, culturais e institucionais [...] e encontram-se também diante de recursos espaciais, materiais e simbólicos

específicos que constituem condições reais de seu comportamento na vida social” (MARTINS, 2013, p. 233).

O interacionismo simbólico se fortaleceu em um caminho que permite abordar os fenômenos, aplicando uma dialética entre aspectos da estruturação social e a construção das individualidades, entre o geral e o particular, entre o cultural e o singular, entre sujeito e objeto, apreendendo as contradições da vida contemporânea no contexto de sociedades plurais. Ele é, potencialmente, uma das abordagens mais adequadas para analisar processos de socialização e ressocialização e também para o estudo de mobilização de mudanças de opiniões, comportamentos, expectativas e exigências sociais (CARVALHO; BORGES; RÊGO, 2010).

3. O potencial do Interacionismo Simbólico para estudar Capital de Giro

“O interacionismo simbólico apresenta um potencial para compreensão de diferentes aspectos da vida organizacional, complementando outras perspectivas teóricas normalmente utilizadas neste campo de estudos” (CARVALHO, 2011, p. 583). A organização é considerada como uma comunidade de trabalho, e também é vista como um conjunto de processos-chave organizados, compostos, por sua vez, de subprocessos, atividades e tarefas, que permeiam desde o topo da pirâmide funcional até sua base (VASCONCELOS, 1993). Um desses processos é a gestão do capital de giro que consiste em administrar cada um dos ativos correntes e passivos correntes, para manter determinado nível de rentabilidade e liquidez da empresa (GITMAN, 2008).

Foi apresentado que o gestor ou dono do negócio se orienta para tomar as suas decisões sobre a gestão do capital de giro, respaldado nas fontes de informações que a literatura aponta como eficazes para a gestão financeira do negócio, ou em pesquisas empíricas realizadas que apresentaram bons resultados para as empresas que fizeram uso daquelas estratégias de gestão do capital de giro, numa perspectiva Positivista.

Discutindo a forma com que o Interacionismo Simbólico pode contribuir com o estudo sobre a compreensão de como os donos do negócio tomam decisões sobre a gestão do capital de giro, tem-se que o foco em questão é entender por onde o gestor se orienta para decidir sobre o processo de gestão dos mais diversos fatores relacionados ao capital de giro.

Quando se pretende abordar o capital de giro do ponto de vista do Interacionismo Simbólico, supõe-se que os gestores vão tomar as suas decisões acerca da sua gestão de acordo com as suas crenças e valores que os orientam, que são compartilhadas no ambiente em que ele vive e que ele valoriza. As crenças e valores, interpretados à luz do Interacionismo Simbólico, possibilita trazer novas luzes sobre o tema capital de giro uma vez que as crenças dos gestores são construídas socialmente.

A partir da abordagem interacionista são elucidados comportamentos, percepções, valores e crenças dos gestores e o entendimento do significado do capital de giro no seu aspecto mais intrínseco ao ser humano, representado neste estudo pelos gestores das organizações e pelos donos do negócio. O comportamento dos membros da organização são o resultado das relações com ambiente em que estão inseridos, de questões culturais, além de aspectos cognitivos. Destaca-se a importância do valor atribuído e do significado dessas relações. A gestão do capital de giro à luz do Interacionismo Simbólico pode ser influenciada pelas questões culturais e aspectos cognitivos e pelas relações com o ambiente, uma vez que o gestor sofre as influências do meio em que está inserido.

Considerando-se que na abordagem interacionista, as organizações são influenciadas por fatores institucionais que prescrevem comportamento apropriado dos que dela fazem parte, tem-se que essa influência pode ser percebida na gestão do capital de giro desenvolvida pelos seus membros; influenciados por tais fatores institucionais. A partir desse pressuposto, constata-se que o gestor não se orienta para tomar as suas decisões sobre a gestão do capital de giro, respaldado nas fontes de informações que a literatura aponta como eficazes para a gestão financeira do negócio, ou em pesquisas empíricas realizadas que apresentaram bons resultados para as empresas que fizeram uso daquelas estratégias de gestão do capital de giro.

4. Considerações finais

O objetivo do presente ensaio teórico foi refletir sobre o potencial do Interacionismo Simbólico, como abordagem epistemológica, para compreender o processo decisório do gestor quanto à gestão do capital de giro.

Os gestores das empresas e donos dos negócios decidem sobre a gestão do capital de giro, considerando as crenças e valores que os norteiam. Tais crenças e valores podem ser entendidos à luz do Interacionismo Simbólico, que pode trazer novas luzes sobre esse assunto uma vez que as crenças dos gestores são construídas socialmente.

Conclui-se que os donos do negócio tomam as suas decisões sobre a gestão do capital de giro não respaldados pelo benchmarking ou considerando interesses, condições específicas de cada setor de atividade ou com base na literatura, em conformidade com alguns parâmetros de gestão previamente estabelecidos pela teoria, que funcionam com balisadores do processo de tomada de decisão relacionados ao capital de giro. A perspectiva interacionista simbólica possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam objetos e como esse processo de interpretação conduz o comportamento individual de cada gestor em contextos específicos.

O capital de giro tem sido usualmente estudado, com grande frequência, sob a abordagem epistemológica Positivista. Como contribuição do presente ensaio teórico, pode-se destacar o fato dele propor uma abordagem alternativa para estudar o capital de giro, ou seja, à luz do Interacionismo Simbólico.

Como limitação do presente estudo, ressalta-se que a sua abordagem foi restritamente teórica. Para futuros estudos, sugere-se que seja realizada uma pesquisa empírica para levantar o significado do capital de giro para gestores de empresas à luz do Interacionismo Simbólico.

Referências

- ASSAF NETO, A.; LIMA, F. G. **Curso de Administração Financeira**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- ASSAF NETO, A.; SILVA, C. A. T. **Administração do capital de giro**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- BLUMER, H. **El interaccionismo simbolico: perspectiva y metodo**. Barcelona: Hora, 1969.
- BLUMER, H. Mead and Blumer: The Convergent Methodological Perspectives of Social Behaviorism and Symbolic Interactionism. **American Sociological Review**, v. 45, n. 3, p. 409-419, 1980.
- BREALEY, R. A.; MEYERS, S. C.; ALLEN, F. **Princípios de Finanças Corporativas**. Tradução: Maria do Carmo Figueira – 8 ed. – São Paulo: Mac Graw Hill, 2008.

BRIGHAM, E. **Fundamentos da moderna administração financeira**. São Paulo: Campos, 1999.

BRIGHAM, EUGENE F.; EHRHARDT, MICHAEL C. **Administração Financeira: teoria e prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

CARLINI JUNIOR, R. J.; VITAL, T. W. A Utilização do Benchmarking na Elaboração do Planejamento Estratégico: uma Importante Ferramenta para a Maximização da Competitividade Organizacional. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 6, n. 14, p. 60-66, 2004.

CARVALHO, V. D. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos organizacionais. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 12, n. 4, p. 583-607, 2011.

CARVALHO, V. D., BORGES, L. O.; RÊGO, D. P. Interacionismo Simbólico: Origens, Pressupostos e Contribuições aos Estudos em Psicologia Social. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 30, n. 1, p. 146-161, 2010.

COOLEY, C. H. **Human Nature and Social Order**. New York: Schocken Books, 1964.

FINE, G. The sad demise, mysterious disappearance and glorious triumph of symbolic interactionism. **Annual Review of Sociology**. v. 61, p. 61-87, 1993.

FARIS, ROBERT. **Chicago Sociology (1920-1932)**. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

FERREIRA, C. C.; MACEDO, M. A. S.; SANT'ANNA, P. R., LONGO, O. C.; BARONE, F. M. Gestão de capital de giro: contribuição para as micro e pequenas empresas no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 45, n. 3, p. 863-884, 2011.

FERREIRA, C. C.; MACEDO, M. A. S. Desempenho Financeiro de curto prazo no setor brasileiro de Telecomunicações. **Pretexto**, v. 12, n. 4, p. 80 -104, 2011.

FORGUES, B.; GREENWOOD, R.; MARTÍ, I.; MOLIN, P.; WALGENBACH, P. New Institutionalism: roots and buds. **Management**, v.15, n. 5, p. 459-467, 2012.

GITMAN, L. J. **Princípios de Administração Financeira**. 10. ed. São Paulo: Person Addison Wesley, 2008.

JEON, Y. The application of grounded theory and symbolic interactionism. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, v.18, p. 249–256, 2004.

JOAS, H. Interacionismo simbólico. In A. Guiddens & J.Turner (Orgs.), **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.

LEMOES, L. F. B.; SOARES, R. O. Previsão de insolvência em micro e pequenas empresas utilizando indicadores contábeis. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 1, n. 3, p. 104-134, 2012.

LIRA, R. A. Trajetórias do Interacionismo: suas raízes e seus frutos. **Revista UNIABEU**. Belford Roxo. v. 5, n. 9, jan./abr. 2012.

MARTINS, C. B. C. O legado do Departamento de Sociologia de Chicago (1920-1930) na constituição do interacionismo simbólico. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28, n. 2, mai./ago. 2013.

MEAD, G. H. **Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social**. Barcelona: Paidós, 1982. (Trabalho original publicado em 1934).

MELTZER, B. **The Social Psychology of George Herbert Mead**. Kalamazoo, Michigan: Center for Sociological Research, 1995.

NAKAMURA, W. T.; MARTIN, D. M. L.; FORTE, D.; CARVALHO FILHO, A. F.; COSTA, A. C. F.; AMARAL, A. C. Determinantes de estrutura de capital no mercado brasileiro: análise de regressão com painel de dados no período 1999-2003. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 18, n. 44, p. 72-85, 2007.

SANT'ANA, R. B. O processo de formação do sujeito e o self na Psicologia social de Mead. **Psicologia Política**, v. 4, n. 7, p. 17-44, 2004.

SANTOS, E.O. **Administração financeira de micro, pequenas e médias empresas**. São Paulo: Atlas, 2001.

SHILLS, E. **The Calling of Sociology and Other Essays on the Pursuit of Learning**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

SILVA, C. A. T. **Administração do capital de giro**. São Paulo: Atlas, 1997.

SPENDOLINI, M. J. **Benchmarking**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2003.

THOMAS, W. **On Social Organization and Social Personality**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

VASCONCELOS, I. F. F. G. IBM: o desafio da mudança. **Revista de Administração de Empresas**, v. 33, n. 3, p. 84-97, 1993.